

DIÁRIO PT METAL

NEWSLETTER

ANO : I NOVEMBRO 2025

NEWSLETTER #5

EDEN'S APPLE

É gratificante quando se trabalha no duro, por muito tempo, até ter finalmente aquela recompensa. Mas também sabe bem quando as coisas se concretizam com relativa rapidez, especialmente quando há mérito. Os Eden's Apple apareceram, de rompante, na cena pesada nacional e, num instante, tomaram conta dela, estabelecendo-se nos radares de todo o fã de metal na vertente mais melódica. Ninguém melhor que a própria banda para nos orientar pelo seu percurso e por este “Primordial Roots”.

Parabéns pelo vosso disco de estreia! E pelo que já alcançaram tão rapidamente! Como explicam esse processo rápido e como têm trabalhado desde a vossa formação até este ponto?

Muito obrigado! Desde o início, sentimos uma sintonia forte entre todos, com objetivos alinhados e muita dedicação. A banda nasceu no final de 2023, a partir da iniciativa do David Rodrigues (guitarrista), que lançou o desafio num grupo de Facebook de procura de músicos da zona de Leiria. Aos poucos fomos-nos juntando: primeiro Francisco Mendes (baterista), depois a Marina Silva (vocalista), o Guilherme Rodrigues (guitarrista) e, já a meio de 2024, o João Carvalho (baixista), que já era conhecido do David. Rapidamente percebemos que o que estávamos a criar tinha potencial para se transformar num álbum. Cada um trouxe as suas influências e deixou o seu cunho pessoal nas composições, ajudando a moldar a identidade da banda desde os primeiros meses. O ritmo acelerado do projeto foi impulsionado, principalmente, por um convite para fazer um concerto numa associação local, em abril de 2024, ainda sem o



João. Apesar de termos poucos temas, ainda incompletos, a sede de subir ao palco era tão grande que aceitámos o desafio. Após o concerto, continuámos a atuar, a aprimorar e a compor novos temas até que, no final de 2024, quisemos avançar para a fase de produção do álbum. Cerca de um ano depois do nosso primeiro concerto, conseguimos finalmente trazer à luz o nosso álbum de estreia, “Primordial Roots”!

Planearam a preparação deste disco ou foram escrevendo músicas até já terem o suficiente para editar um longa-duração?

Na verdade, foi tudo muito natural. Fomos compondo as músicas conforme iam surgindo as ideias e o que nos ia inspirando no momento. Não tivemos um plano fixo desde o início para fazer um álbum, mas quando começámos a ver que já tínhamos um conjunto de músicas coeso, percebemos que fazia sentido juntá-las num disco. Cada um trouxe o seu estilo e influências, e foi assim que o “Primordial Roots” foi ganhando forma, quase sem darmos conta!

E notável e vós próprios avisam que existem diversas influências na vossa música, para uma sonoridade distinta. Quais referências conseguem

listar e quanto conscientemente as aplicam quando compõem a vossa música?

Sim, é verdade que temos várias influências e isso nota-se bem no nosso som. Cada membro da banda traz referências diferentes, do thrash ao sinfónico, passando pelo alternativo e death melódico, o que resulta numa mistura própria e orgânica, sem fórmulas fixas. O David vem do thrash clássico (Metallica, Megadeth, Exodus), o João inspira-se em Jinjer, Trivium, Dream Theater e Avatar. O Guilherme gosta de sonoridades mais modernas, como Spiritbox e Ice Nine Kills. O Kiko traz influências de nu metal e alternativo (Avenged Sevenfold, Slipknot), e a Marina contribui com a vertente sinfónica (Epica, Nightwish, Cradle of Filth), que marca o seu estilo vocal e dá uma dimensão melódica às músicas.

Pretendem manter sempre esse leque amplo de referências ou pode chegar a algum ponto em que tentem algo que sintam que já não seja tão Eden's Apple?

Gostamos muito desta diversidade de influências porque faz parte da nossa identidade e da forma como cada um de nós vive e sente a música. Como acabámos de lançar o primeiro álbum, ainda não pensamos muito no rumo que a banda pode tomar no futuro, mas acreditamos que esta mistura é um dos nossos pontos fortes e queremos continuar a explorar esse leque amplo de referências.

Têm algum conceito ou temática em particular para as letras e para a componente visual?

Sim, há uma linha estética e lírica que seguimos, muito centrada na relação entre passado e presente. Inspiramo-nos na mitologia, em símbolos e temas universais para falar de questões muito atuais, como lutas internas, identidade, sonhos e o legado dos nossos antepassados. O visual acompanha essa ideia: elementos que remetem a algo ancestral, mas que continuam a ecoar nos dias de hoje. Essa conexão também se reflete nas performances ao vivo. Um exemplo disso é a ombreira de armadura medieval que a Marina usa nos concertos, não é só um elemento visual forte, é também simbólico: representa força, proteção e a herança de quem veio antes de nós. Tudo isso ajuda a construir o universo dos Eden's Apple.

Têm conquistado terreno também com as vossas actuações ao vivo. Como foram sentindo as reacções de diferentes públicos e ao longo do vosso amadurecimento?

As reacções têm sido muito positivas e surpreendentes.



Sentimos que o público se envolve, que há uma ligação e isso só nos dá mais vontade de dar tudo em palco. Notamos também a nossa própria evolução: cada concerto tem-nos tornado mais sólidos e mais à vontade.

E na vida na estrada, fora dos palcos, como se têm adaptado a um pouco dessa vida? Alguns acontecimento insólito que já tenham presenciado?

Desde os primeiros concertos que notámos uma evolução clara na nossa performance, e isso também se deve ao apoio de boas equipas técnicas e ao ambiente positivo que temos encontrado. A receção do público tem sido fantástica. Há uma energia muito boa, e sentimos que conseguimos criar uma ligação forte com quem está a assistir.

Um dos momentos caricatos que já vivemos foi no segundo concerto que demos, em que o David resolveu ser zeloso e tirou a pilha da guitarra no dia anterior, para a trocar no próprio dia do espetáculo. Tudo certo até aqui, não fosse o detalhe de... se ter esquecido completamente que o tinha feito. Durante o soundcheck, a guitarra não dava som e entrou-se em pânico. Testaram cabos, pedais, tudo. Nada. O David ainda foi a correr ter com um luthier local, mesmo a minutos do concerto, e só quando lá chegou é que se deu aquele momento de "eureka". Não tinha posto a pilha nova. Acabou por se resolver, mas deu para suar (e rir depois, claro!).

Sentem que existirá alguma diferença, no público ou na vossa performance, já com um álbum cá fora e à medida que ele for amadurecendo?

Ter o álbum lançado dá-nos um orgulho enorme! Ver o público a responder bem e a imprensa a reconhecer o nosso trabalho é super motivador. Além disso, já estão a surgir convites e propostas que nem esperávamos, e isso só nos incentiva a seguir em frente com mais vontade.

A crescer da forma galopante como têm feito, já começam a delinejar novos objectivos para o futuro próximo, ou manter-se-ão mais focados no "Primordial Roots" por um tempo?

Embora estejamos totalmente dedicados ao "Primordial Roots", claro que já começamos a pensar no que vem a seguir. Primeiro queremos que este álbum tenha o impacto que merece e ter oportunidades de o levar a mais palcos. Depois disso, tudo é possível!



Texto : Christopher Monteiro

Irae "In the Key of Twilight"

Signal Rex

O dia 28 de novembro traz o sétimo álbum dos Irae, uma banda que, ao longo dos tempos, se constituiu como uma verdadeira instituição no panorama Black Metal nacional. No novo registo, a dupla Vulturius (voz, guitarra, baixo e teclados) e Úr (bateria) apresentam uma intro e sete temas. Trata-se de um álbum conceptual sobre a superação de si mesmo, enquanto ser humano e enquanto homem que criou Deus. Começaria por dizer que estava à espera de algo que seguisse a linha evolutiva do registo anterior ("Assim na Terra como no Inferno"). No entanto, logo na intro se percebe que a nova proposta "In the Key of Twilight" segue uma nova orientação. Desde logo, salta à vista o investimento numa produção muito profissional. A voz do Vulturius apresenta-se mais nítida e menos cavernosa. Na minha perspetiva, o trabalho de guitarra de Irae sempre foi o ponto forte da banda e este álbum não é exceção. Os riffs são melódicos e interessantes, embora existam algumas partes que se aproximam mais do Death e do Thrash Metal *old school*. O trabalho de bateria está bem conseguido, fundindo seções rítmicas mais lentas com *blast beats*. Os meus temas preferidos do álbum são "Apex Predator", "Key to the Darkest Path" e "Negative Energy", este último apresentando teclados para criar uma atmosfera mais envolvente. Destacaria ainda a beleza da capa do álbum. Em suma, se estás à espera de uma coisa mais *raw*, como o "Lurking in the Depths", este álbum poderá não ser do teu total agrado. Facto é que se confirma que "In the Key of Twilight" consiste no trabalho com maior maturidade musical de Irae até à data, o qual aporta uma mudança significativa na sonoridade da banda. (A.A.)



Secret Chord "Echoes of Existence" (EP)

Edição de autor

Banda formada no ano de 2015 em Vila Nova de Poiares, distrito de Coimbra. Dia 7 de Novembro lançaram este seu mais recente trabalho de originais. Em "Echoes of



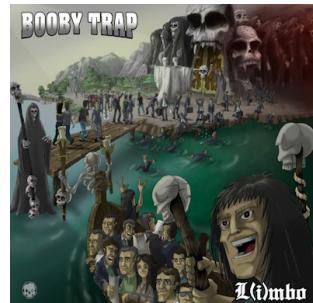
Existence" apostava-se não só na música como também no seu conteúdo lírico que é bem relevante, por ele passam lutas pessoais, como o aborto, o suicídio ou a solidão, são assuntos desconfortáveis que mexem com os nossos sentimentos, mas que nos são entregues com força e alma em seis composições de metal sinfónico/alternativo, onde uma certa agressividade moderada contracena com bonitas melodias bem construídas, inspiradas, envolventes e agradáveis, mas nota-se também que acima de tudo que estamos também na presença de uma banda que não é indiferente ao mundo que a rodeia, que pretende com este trabalho fazer passar uma mensagem de

esperança, ajuda e alerta, algo que é bem positivo e nobre nos tempos que correm. Um dos destaques principais deste grupo vai para a bela voz de Raquel Subtil, sendo esta acompanhada por uma banda bem competente; Carlos Pereira - guitarra e segunda voz, Rafael Oliveira - guitarra e Átila Smith - bateria. (L.R.)

Booby Trap "L(i)mbo"

Firecum Records

Sétimo álbum de estúdio para esta banda veterana formada em Aveiro no ano de 1993. É o primeiro trabalho do grupo totalmente em português, uma opção que se revelou



excelente, abre com um intro instrumental melódico e depois entra-se a "matar" pelas outras 11 malhas, 10 originais e uma curiosa versão em português do clássico, "Antissocial", dos franceses Trust, sonoridade crossover entre o thrash metal e o hardcore punk, letras que são na sua maioria politizadas e contestatárias que contracenam com outras mais pessoais e existencialistas, há verdades que vêm ao de cima em discurso direto, bem percutivas e sem papas na língua, que se expressam em malhas viciantes, poderosas e bem esgalhadas. "L(i)mbo", é na minha opinião o álbum mais punk de toda discografia do grupo, mas não foge às suas raízes e vale por completo, acho que irá agradar a muitos, sejam eles do metal, do punk ou do hardcore e há aqui matérias válidas para quem é fan de todos esses estilos. (L.R.)

Moonspell + Orquestra Sinfonietta de Lisboa "Opus Diabolicum – The Orchestral Live Show"

Napalm Records

Hoje em dia, com todo o tipo de performances à distância de um clique, o formato do disco ao vivo e o DVD podem ser vistos como um pouco obsoletos. Outro ponto importante: quando bandas veteranas já fizeram de tudo e têm nada a provar, lá procurarão coisas diferentes para fazer. E com esses dois pontos a encontrar-se, os Moonspell justificam o lançamento deste "Opus Diabolicum" com a Orquestra Sinfonietta de Lisboa, não como um capricho pretensioso, não para ser o seu "S&M" ou lá o que seja, mas sim como algo natural que era inevitável acontecer. É o próprio Fernando Ribeiro que, entre canções, defende que a fusão do metal com o clássico é nada improvável. Mas isso já o sabíamos. E que uma orquestração encaixa perfeitamente nos hinos dos Moonspell, também já supúnhamos. Agora já o pudemos comprovar.



Começa mais focado em temas do "1755", para o destaque à língua portuguesa, passando para alguns dos hinos mais soantes da era mais contemporânea, e acabando com os clássicos incontornáveis. É tudo tão familiar, que acaba com "Fullmoon Madness" na mesma. Porque dá. Podemos ter mais interesse e

curiosidade pela segunda metade, mas é tudo executado de forma impecável, para o gosto de quem não pôde mesmo ver isto ao vivo. A orquestra quase passa despercebida, tal é a forma como encaixa naturalmente. Mas é tão gritante como o resto. Como os fãs a entoar a "Alma Mater". Um belo passatempo enquanto aguardamos pelo próximo disco. (C.M.)

Consummatio "Circulus"

Altare Productions

Ao segundo álbum desta entidade misteriosa, continua a ser o raw black metal, no seu estado mais puro e bruto, a imperar e a ser tratado com um aparentemente contraditório, ou assim pensávamos nós, balanço entre delicadeza e brutalidade. Claro que mantém a mesma vertente de "Desaevio", talvez apenas tornando toda a experiência sonica mais imersiva ainda. As lições podem vir bem estudadas, mas não é para reinvenções que se procura disto. E o que "Circulus" procura é atmosfera. Aquela atmosfera. A cada tremolo abafado por aquela produção como manda a lei, a cada berro de desespero, a cada passagem instrumental mais ambiental, a cada melodia que se atreve a aparecer do meio da névoa, é mais um passo que damos pela densa floresta dentro. Contemplemos os nossos arredores. A vista já se habituou ao breu e agora não queremos outra coisa. Muitas vezes, o mais bem feito é assim de forma "simples".(C.M.)

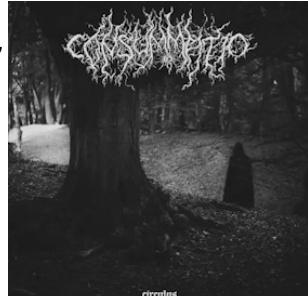


Nidernes / Candelabrum

"Elegies for the Radiance Lost"

Altare Productions, Black Gangrene Productions

Sai um split para quem quer uma boa dose de black metal no seu estado mais cru. A maravilha de um split como este é o de mostrar como dois actos que serão tão semelhantes na sua essência, quando atentamos aos detalhes, são tão diferentes e provam a amplitude de diferenças que pode haver nisto. Claro que são nomes obscuros, como a cena pede, mas para quem já esteja familiarizado com ambos, saberá os detalhes que diferenciarão cada um dos "lados". Mas começemos pelas semelhanças. Black metal do mais cru, claro. Fuzz até ficarmos geladinhos. A constante preocupação com a atmosfera. Agora as diferenças entre estes dois actos tão complementares. Nidernes procura uma maior grandeza, como quem quer dominar a escuridão que o rodeia. Mais atmosférico e com composições longas mais arrastadas, como quem nos pretende torturar, aparentemente sem saber o quanto gostamos disso. No lado dos Candelabrum, a temperatura não sobe um pouquinho que seja e continuamos a ser repetitivos com o uso de termos como "raw" ou "atmosférico". Mas já se recorre à melodia de forma diferente e não há como não destacar o ambiente criado pelos sintetizadores, uma camada sonora que acrescenta



um tom mais fantasioso ao pesadelo. Com o à-vontade de quem já sabe que o povo já não tem medo de dizer que gosta de dungeon synth em voz alta. Tudo junto é um registo muito completo, com black metal naquele estado de pureza que os de cara mais cerrada tanto procuram. (A.A.)

Rei Bruxo "O Quarto Fechado"

Edição de autor

Será caso para ficarmos preocupados se um dia os Rei Bruxo não forem desafiantes.

Dentro deste "Quarto Fechado", continua a ser difícil catalogá-los e eles é que não fecham portas a qualquer influência que possa entrar na música deles que se mantém com uma sólida base de peso – se é que até nem carregou um pouco mais nessa parte, com estruturas e riffs para agradar, ou até invejar, alguns titãs do metal progressivo, e uns riffs bem potentes que até puxam algo de Deftones para a equação. Ainda ecoam muitos dos experimentais temas antigos, muitas das brincadeiras vocais de Sofia Faria Fernandes – não há uma bela secção de scat singing outra vez, mas há um impressionante rap em "Ultra-pan-óptico" - que também volta a recorrer à electrónica que tão bem domina fora deste projecto para enriquecer este peso com mais camadas. A experiência ganha mais contornos com o seu formato de lançamento: um álbum-livro, para que narrações e ilustrações acompanhem o decorrer deste conto sobre dúvidas existenciais, à volta de saúde mental e escapatórias do mundo que, afinal, parecem impossíveis. Não há barreiras para as ambições dos Rei Bruxo e conquistam tudo o que procuram. Nem nos vamos chatear com tentar um rótulo rigoroso e simples. Simplesmente nos entretemos e desfrutamos este grande disco de metal progressivo, que pode ser rock alternativo, cheio de electrónica, bastante ambiental, que busca ao jazz, às vezes é nu metal, mete-lhe hip hop, gosta de post-rock e às vezes é minimalista. Só isso.(C.M.)



Ptolemea "Kali"

Raging Planet

Priscila da Costa, ainda incapaz de se afastar da suas raízes portuguesas, não pretende deixar o seu tão interessante e ecléctico projecto Ptolemea em inactividade e não deixou que

a nova aventura com os Sinistro servisse de empate. Muito pelo contrário, deixou que inspirasse e sente-se a influência de "Vértice", para enriquecer e densificar algo tão multi-facetado e etéreo como já era Ptolemea. Desde que mudou para esta sonoridade mais obscura, até mais pesada, recorrendo ao léxico do nosso adorado niche, que fazia todo o sentido. Tanto funciona como um seguidor do "Balanced Darkness" como do próprio "Vértice". Adequa-se a muita coisa. O início, com "Kura", até é um pontapé-de-saída que vai mais

PTOLEMEA



KALI

pelo rock atmosférico, que se vai aprofundando. Não é uma descendência simples para a escuridão. É mais uma névoa móvel, já que as diferentes texturas e influências (assim como a língua, a alternar entre inglês e português) dão uma personalidade diferente a cada faixa, até culminar no mais fundo mergulho no doom que é "Guilhotina", um dos temas mais influenciados pelo mais obscuro da Chelsea Wolfe, e onde também se sente mais a influência (e mão) dos Sinistro. Depois disso, ainda há tempo para tudo, até para cantar um fado em "Gaivota" (é essa "Gaivota", mesmo, sim). Um trabalho muito heterogéneo, de várias cores, introspectivo, que tanto traz algo de uma cantautora como Emma Ruth Rundle, como pode lembrar a melancolia dos Katatonia mais recentes; com muito de Sinistro, mas também sempre com uma madrasta Kate Bush a olhar por perto; atmosférico quando é para a submersão e mais metalizado quando é para agitar as águas. Queda e renascimento. (C.M.)

Metaphors "Event Horizon"

Edição de autor

Metaphors, é um projeto pessoal do guitarrista Bruno Faustino dos NEVER END, que nos entregou recentemente este belo álbum. "Event Horizon", na minha opinião só peca por ser uma produção caseira, crua e meio artesanal, mas é perfeitamente comprehensível, pois trata-se de uma edição 100% independente e os bons estúdios que lhe poderiam dar um melhor "paladar" são caros e não estão ao alcance de todos, tirando esse pequeno pormenor, isso acaba por não ser assim tão importante se tivermos em conta o que aqui nos é dado a ouvir, o que interessa é a sua intenção, estamos claramente na presença de um trabalho criativo, bem inspirado e com boas ideias, são nove faixas com a capacidade suficiente de nos levar por belas viagens, musicas que puxam pelo nosso imaginário e até nos podem fazer sonhar um pouco, é variado, temas que têm a sua raiz no metal, mas essa agressividade é também equilibrada por linhas melodias bonitas com raiz no rock progressivo, é um trabalho praticamente todo instrumental, apenas com a exceção da faixa que o encerra, "At The Mountain", onde estão dois músicos convidados, Paulo Aparício e Frederico Silva. Concluindo, "Event Horizon", não é propriamente uma obra-prima, mas é sem dúvida um trabalho honesto, sincero e nota-se que tem alma, merece atenção, não cai na banalidade e é uma boa surpresa que se recomenda... (L.R.)



Undersave "Merged in Abstract Perdition"

Transcending Obscurity Records

Ao terceiro álbum de originais, o colectivo de Loures traz-nos um álbum de *death metal* agressivo e negro, aproximando-os dos *Morbid Angel*



Angel em termos de atmosfera desde o primeiro tema que abre com um assalto de riffs esquizofrénicos por parte dos guitarristas Nuno Braz e André Carvalho. Por sua vez, Nuno Braz varia bastante em termos de registos vocais, desde grunhidos a gritos quase estridentes, dando às músicas uma sensação de que algo pode mudar a qualquer momento, sem aviso; aliás os próprios riffs também contribuem para essa agradável incerteza ao longo do disco. "Forced Retraumatization...Unlocking Spiritual Illumination", o quarto tema, começa com uma introdução instrumental que traz uma necessária variação ao álbum como um todo. Estamos perante um álbum de *death metal* moderno que demonstra maturidade por parte de uma banda que poderá evoluir dentro deste espectro musical. (R.A.)

Azzaya "Infernal Blasphemy"

Maledict Records / War Productions

A primeira impressão que tenho ao ouvir o novo EP dos Azzaya, é logo de que foram buscar inspiração, mesmo que indireta aos *Immortal*, dada a frieza da atmosfera da faixa título e a agressividade da bateria de Gandum. Por sua vez, a voz de Retrofornicator lembra tanto a de Nocturno Culto dos *Darkthrone* como a de David Vincent dos *Morbid Angel*, variando entre registos graves, gritos lancinantes e até narração em determinados pontos do EP, nomeadamente no demente "Satanik Tekvin IV" e em "Black Death Assault". A velocidade frenética das guitarras de Retrofornicator e Nazur também remetem para *Morbid Angel*. Trata-se de um misto de *black metal* e *death metal* pela forma como ataca o ouvinte de todas as direcções, tanto nos riffs frenéticos das guitarras como na bateria precisa, veloz e técnica na forma como faz apontamentos curiosos no meio do caos. A destacar: o solo de guitarra em "None Shall Serve", o uso de samples ao longo do álbum que lhe dá uma atmosfera conceptual (consistente com a imagem da banda ao vivo e nos videoclips), a bateria como acima referi, o uso de registos diferentes na voz, a solidez das composições e produção. É um registo que pede várias audições para se poder absorver os pequenos detalhes no meio de um caos controlado. (R.A.)

On The Loose "Path to Serenity"

Edição de autor

No seu terceiro álbum, "Path to Serenity", os On The Loose não se contentam com o superficial. A banda mergulha de cabeça nas profundezas da psique humana, entregando uma obra conceptual que mapeia a dolorosa, mas necessária, jornada da escuridão para a luz. O resultado é um álbum de Heavy Metal maduro, carregado de melancolia, peso e uma honestidade



desarmante.

A narrativa começa com "The Serpent Within", uma faixa que estabelece o tom com uma atmosfera sombria e riffs pesados. A sonoridade da banda parece beber tanto do Doom Metal, na sua cadência e peso, como do Heavy Metal tradicional, na força das suas melodias. É a introdução perfeita para o conflito interno que define o álbum: a luta contra os "sussurros" da dúvida e da dor.

O álbum desdobra-se como um diário de batalha. A faixa-título, "Path to Serenity", é um épico de quase dez minutos que funciona como o coração do disco, uma declaração de resiliência onde a melodia se ergue sobre a adversidade. Em contraste, "The Call of My Devils" e "Soulless Destruction" arrastam-nos de volta para o abismo, explorando a angústia e o desespero com uma intensidade palpável.

A escolha de incluir uma cover de "Simple Man" dos Lynyrd Skynyrd é um golpe de mestre. Posicionada na segunda metade do álbum, funciona como um momento de clareza, um conselho sábio que ilumina o caminho. A sua melodia intemporal, reinterpretada com o peso da banda, serve como um ponto de viragem emocional antes do final melancólico de "Echoes of Glory", que encerra o disco com uma nota de paz agrioste.

"Path to Serenity" é um trabalho de uma profundidade notável. É um álbum para quem entende que a serenidade não é um destino, mas um caminho conquistado através da batalha. Os On The Loose criaram uma banda sonora poderosa para essa luta, um disco que é simultaneamente pesado, belo e profundamente humano. (A.R.)

Godark "Omniscience"

Edição de autor

Godark são uma banda penafidelense, constituída por Vitor Costa (voz), Rui Fernandes (guitarra e segunda voz), Diogo Ferreira (guitarra), Carlos Ferreira (guitarra), Daniel Silva (baixo) e Fábio Silva (bateria). Depois do EP

"Reborn from chaos" (2015) e do álbum "Forward we march" (2020), a banda lançou no dia 5 de novembro o seu segundo álbum, intitulado "Omniscience".



O novo registo consiste numa evolução significativa de Godark, onde são apresentados nove temas de Death Metal melódico. Embora a banda tenha edificado uma identidade própria, denotam-se algumas influências de Amorphis, Insomnium e Dark Tranquillity.

Existe a particularidade de Godark ter três guitarras e, neste caso, quantidade é mesmo sinónimo de qualidade. O trabalho dos guitarristas está muito bem conseguido, com riffs melódicos e solos que revelam grande maturidade musical. Neste álbum, a secção rítmica é muito competente, onde a bateria aporta uma fusão de virtuosismo técnico e firmeza. As vozes estão muito bem colocadas, intercalando trechos mais agressivos com passagens mais melódicas. Neste registo, os temas que mais me marcaram foram "Looking for a new meaning" e "Frozen in Time".

A produção está muito acima do que seria expectável para uma edição de autor.

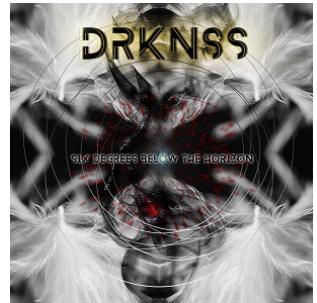
Para além do virtuosismo dos músicos, este disco vale muito porque tem alma e desperta sentimento. O álbum apresenta outros pormenores técnicos e particularidades que exigiriam uma análise mais aprofundada, tema a tema. Porém, deixo esse exercício para cada um dos leitores fazer, aquando da recomendada audição de "Omniscience" ... (A.A.)

DRKNSS "Six Degrees

Below the Horizon

Ethereal Sound Works

Lançar um EP de remixes para celebrar o aniversário de um álbum é uma faca de dois gumes, pode ser um mero preenchimento de calendário ou, como no caso de "Six Degrees Below the



Horizon", uma oportunidade para a autoanálise artística. Felizmente, os DRKNSS optaram pelo segundo caminho, entregando uma obra que, mais do que celebrar "The Darkness", o desconstrói e examina sob novas e fascinantes luzes.

O valor deste EP reside na organização dos remixes. Em vez de simplesmente acelerar batidas, artistas como Order in Chaos e Gwen Basurah mergulham na essência das faixas originais para extrair delas novas personalidades. Onde havia melancolia, agora pode haver uma pulsação industrial mais fria, onde havia um

Azores & Metal

museuhmazores.bandcamp.com

lamento, surge uma urgência rítmica pronta para a pista de dança. Nem todas as reinterpretações atingem o mesmo nível de brilhantismo, e algumas podem alienar os puristas do som original, mas o conjunto demonstra uma coragem notável em permitir que a sua arte seja canibalizada e renascida.

Contudo, é na cover de "Something in the Way" que o EP transcende o seu propósito comemorativo.

Apropriar-se de um hino tão intocável dos Nirvana é um risco monumental, mas os DRKNSS, auxiliados pela voz etérea de Paula Teles, saem vitoriosos. A banda despe a canção da sua crueza grunge e veste-a com um manto de veludo gótico e eletrônica soturna. O resultado é arrepiante a angústia original não se perde, mas é transformada numa desolação mais cinematográfica e atmosférica. É sem dúvida, o pilar emocional e artístico do disco.

"Six Degrees Below the Horizon" é, portanto, muito mais do que um presente para os fãs. É um atestado da maturidade dos DRKNSS, uma banda suficientemente segura da sua identidade para a deixar ser desestruturada por outros e, ao mesmo tempo, capaz de pegar num clássico e torná-lo seu. Embora a experiência possa variar dependendo do gosto de cada um pelos remixes, o valor artístico da proposta e a execução magistral da cover tornam este EP uma peça essencial na discografia da banda. (A.R.)

Obscvrvm Caeli "Throne of Eternal Night"

Edição de autor

No reino do Black Metal, onde a escuridão é tanto uma estética como uma filosofia, os Obscvrvm Caeli erguem um monumento à noite perpétua com o seu novo álbum, "Throne of Eternal Night". O álbum funciona como um grimório sonoro, um ritual de 38 minutos que nos guia através de céus esquecidos e paisagens celestiais em ruínas. Desde o primeiro momento de "Veil of Eternal Night", a



intenção é clara. A banda não se limita a tocar música, ela tece atmosferas. A sonoridade é um Black Metal que respira, onde riffs gelados e cortantes se entrelaçam com melodias melancólicas que pintam um quadro de desolação cósmica. A bateria alterna entre blast beats furiosos e ritmos mais cadenciados e ritualísticos, servindo de pulsação para este apocalipse silencioso.

As letras são o coração negro do álbum. Poéticas e niilistas, exploram a morte da luz e a coroação do vazio. Faixas como "Ashes of the Dying Sun" e "Ritual of the Forgotten Skies" são hinos de desespero sagrado, onde "a luz é uma mentira que o vazio uma vez contou". A performance vocal acompanha esta visão, soando menos como um simples rosnado e mais como os cânticos de um profeta esquecido, narrando o fim de tudo.

Um dos pontos altos é a capacidade da banda de criar um ambiente imersivo. "Chants Beneath a Blood Moon" é quase cinematográfico, evocando imagens de rituais proibidos sob um céu carmesim. A inclusão de uma cover de "Paint It Black" dos The Rolling Stones no final é uma escolha ousada e surpreendentemente eficaz.

"Throne of Eternal Night" é uma obra coesa e profundamente atmosférica. É um álbum para ser ouvido na escuridão, para quem procura no metal mais do que apenas agressão, mas também um espelho para a melancolia do universo. Os Obscvrvm Caeli não criaram apenas um álbum, criaram um reino. E nesse reino, a noite é eterna e soberana. (A.R.)

TERRAMOTO TERRAMOTO



METAL I ROCK
CD & VINIL



METAL I ROCK
CD & VINIL

www.facebook.com/terramotodiscos

ETHEREAL SOUND WORKS *independent portuguese label*

www.etherealsoundworks.com

Diário PT Metal

a/c Christopher Monteiro

Email: diarioptmetal@gmail.com

Facebook/DiarioPtMetal

Periodicidade: Mensal

Equipa de Redação: Christopher Monteiro; Sérgio Borba; André Rosado; Raúl Avelar
Mário Lino Faria; Duarte Fernandes; Alexandre Almeida; Luís Rato

HONORIS CAUSA

Goldenpyre

“In Eminent Disgrace”



No ano em que um certo festival em Barroselas celebrou o número redondo das 25 primaveras, numa espécie de ambiguidade temporal, em jeito de celebração, e até porque deste lado também se marcou presença na respetiva festa, nada melhor recordar o coletivo que acabou por originar o festival em paralelo com a fanzine Metalurgia.

«In Eminent Disgrace» [Larvae Records, 2017] até pode nem ser um clássico por motivos de tempo (relativamente recente) e de relevância - neste ponto, o fecho da atividade talvez seja a explicação mais natural. Não é dos primeiros nomes que surgem à mente no que ao death metal nacional, pelo menos, diz respeito. Mas é sem dúvida um registo digno da sua passagem enquanto banda no cenário underground onde se podem ouvir 8 temas que demonstram coesão e que, apesar das circunstâncias em torno de si mencionadas, conseguem captar a atenção.

Não obstante as demos em cassete «Apocryphal» [1998], «NecroTerrorism» [2001] e o EP «Decrepidemic» [Exorcize Music, 2003], onde também já se podia ter noção do que uma produção pouco mais profissional podia trazer à superfície com a brutalidade mais jovial da altura. Negritude robusta sem malabarismos. *D.F. 12/2025*



Foi uma longa espera pelo sucessor de “The Last Journey”, de 2019, mas os **Soul of Anubis** já nos vieram reconfortar com o anúncio de que o novo disco chegará a nós em 2026. Ainda não há mais informações, mas é de salientar a sua entrada na família da Time to Kill Records. A prestigiada editora junta a banda a um fantástico plantel que conta com grandes nomes internacionais como Fulci, Putrid Offal, Necrophagia, Cadaveria, Torture Squad, Brutal Sphincter e muitos mais.

A Larvae Records continua com as surpresas. Após mais um teaser promissor, revelam que voltarão a dar nova vida a um trabalho dos **Heavenwood**. Após a reedição de “Diva”, continuam e prosseguem cronologicamente, agora com o sucessor “Swallow” a ter nova vida e em variados formatos que nunca teve antes, como o vinil. Apesar de ainda não estar especificada a data de lançamento, as pré-encomendas já voam, portanto... Não percam tempo!

O último disco ainda é recente mas os **Dark Oath** não o querem deixar arrefecer e vão presentear-nos em breve com um EP de três canções, uma para cada irmã Moirai, da mitologia Grega. “The Weaver”, o primeiro capítulo, já está disponível para ouvir. Já está quase a fazer um ano desde que recebemos as boas notícias de que os **Morbid Death** afinal não vão cessar actividades, como estava inicialmente planeado. Os porta-estandartes do metal açoriano já deram um jeito ao alinhamento, voltaram a demolir palcos, prometerem o regresso de uma sonoridade dura e crua e um novo álbum para 2026. E agora acharam que também seria boa altura para termos música nova para ouvir. O single “Hole Worm” já está disponível e confirma que as suas “ameaças” quanto à sonoridade eram a sério...

Claro que os **Moonshade** já dispensam qualquer tipo de apresentação, mas ainda conseguem desencantar surpresas. Têm reservado para nós um novo EP intitulado “Angels, Blood & Enemies”, a sair a 18 de Fevereiro de 2026. A surpresa é o single que já está disponível: uma versão de “Ma Meilleure Ennemie”, tema de Stromae que consta na banda sonora da série animada “Arcane: League of Legends”. Como não ficar a aguardar o resto que aí vem!